

CONTO

Margarida Fonseca Santos

Contar gafanhotos

«- Chega, só queríamos uns cinco - lembrou Rui, disfarçando a dificuldade em perceber quantos gafanhotos havia no frasco.

- Queríamos muito mais do que isso! - Pedro franzira a testa. - Vais desistir?

Rui não queria desistir, não conseguia era contar quantos se encontravam dentro do enorme frasco de vidro. Não só saltavam e lhe trocavam as voltas, como se perdia ao usar os dedos. Sentia-se baralhadíssimo!

Matilde chegou, de arzinho convencido, e quis saber o que os irmãos faziam. Ao ver os gafanhotos presos, largou um grito:

- Que horror! Não vão levá-los para casa, pois não?

Uma cotovelada, bem aplicada nas costelas, fez com que Rui engolisse um início de frase.

- Sai daqui, não é brincadeira de miúdas! - avisou Pedro, e Matilde desapareceu, a correr.

Os minutos passaram, cheios de pressa. O frasco cheio! Pedro estava feliz, que ideia brilhante!

- Vinte gafanhotos. Se a Matilde grita com um, imagina com 20!

Riram-se, antecipando a cena. Deixaram o frasco aberto no canto do quarto de Matilde e desceram com carinhas de santo. O jantar arrastou-se em minutos lentos.

Só quando Matilde subiu para se deitar, começou o espetáculo.

Com pais zangados e castigos prometidos, a tarefa era deixar o quarto de Matilde sem gafanhotos. Rui tremia - sabia lá contá-los!

- Eu ajudo-te - sossegou-o Pedro. - Pega aí nesse copo. Assim que tivermos cinco aqui, pomos no frasco. É fácil! Cinco mais cinco, mais cinco, e mais cinco, dá vinte - prometeu Pedro. - Apanha esses aí!

De uma assentada, Rui agarrou em três, Pedro noutros três.

- Três com dois, cinco, este fica de fora. - Cinco gafanhotos passa-

ram para o frasco, ficando um no copo. - Precisamos de mais quatro.

- Mais quatro? Não eram cinco?

- Já temos um, monga, não é?

- Ah, pois...

A caça aos quatro gafanhotos em falta foi rápida - havia tantos a saltar! Estavam dez no copo, Rui conseguiu contá-los. Dalí para a frente, a coisa complicava-se. Pedro agarrou em dois, Rui em apenas um. Os outros pareciam ter-se evaporado.

- Rui, dois mais um, dá...?

- Dois e um, três...

- Boa! Põe dentro do copo.

Faltam dois, vê lá se os apanhas...

Encontrados os dois gafanhotos, Rui disse:

- Dez e cinco, quinze, não é?

- Isso. Continuamos.

Os irmãos enfrentavam agora a pior busca - conseguir apanhar os últimos cinco, escondidos por entre os móveis.

De repente, Rui deu um grito:

- Estão aqui três, olha, três!

- Boa, copo com eles. Quantos faltam agora?

- Dois, não é?

- Exato, estás a perceber isto.

O penúltimo gafanhoto saltou, imprevisto, do meio dos livros.

- Três e um, quatro - animou-se Rui. - Só falta um!

Mas não havia meio de aparecer. Os rapazes cheios de sono, Matilde a dormir na cama de um deles. No frasco, dezanove prisioneiros; à solta, um...

Na verdade, só apareceu na manhã seguinte, pousadinho no despertador. Encontrou os rapazes apertados na cama de Matilde, mas Rui fez logo o seu trabalho, juntando-o aos outros.

- Vinte! - gritou, enquanto saía a correr. - Mãe, eu sei contar até 20!!! JL

DRAMAS IMPERFEITOS

Silvina Pereira

Vejamos a intriga dramática. Um Escudeiro, Lopo de Andrade, quer casar com a filha de um Físico, um

valor cómico a este "insigne monumen-

